

## LEITURA SUBJETIVA E ENSINO DE LITERATURA, ORGANIZAÇÃO DE ANNIE ROUXEL, GÉRARD LANGLADE E NEIDE LUZIA DE REZENDE

Flávia Cristina Bandeca Biazetto<sup>1</sup>

 Os caminhos da linguagem literária, com suas imagens e suas artimanhas, tornam a experiência de ler uma obra literária desafiadora e única. Para percorrer suas veredas, cabe ao leitor um envolvimento singular e individual, por meio de um resgate de sensações e de imagens tanto de leituras prévias quanto de vivências da realidade, constantemente entrecruzando mundos e intencionalidades da obra e do leitor. É a formação do sujeito leitor para a jornada da leitura que *Leitura subjetiva e ensino de literatura* aborda.

Nesta coletânea de textos provenientes do colóquio “Sujeitos leitores e ensino de literatura”, na cidade de Rennes, França, em 2004, os variados autores problematizam o ensino contemporâneo de literatura a partir de discussões sobre a aproximação da leitura e subjetividades já estabelecidas nas diferentes áreas do conhecimento, sobretudo da Educação.

Cunhada com acuidade teórica-crítica entre os âmbitos dos discursos científicos e didáticos, esta obra é composta por duas apresentações, elaboradas pelos organizadores, e por onze artigos que visam dialogar com profissionais da educação que têm por objeto de ensino a literatura, no intuito de dar pistas de como aproximar o alunato da produção literária.

Uma relevante análise sobre a situação do ensino e as práticas de leitura no Brasil se faz notar já na abertura do livro, *Apresentação ao leitor brasileiro*, de Neide Rezende, que nos introduz também a importantes questões que serão colocadas ao longo da obra. Na sequência, em *Apresentação dos coordenadores franceses*, de Annie Rouxel e de Gérard Langlade, há o destaque do papel do leitor na produção do sen-

<sup>1</sup> Doutoranda da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP) e Bolsista CNPQ

tido textual, valendo-se das teorias de recepção, bem como a tensão entre os dados objetivos de um texto e sua apropriação por meio das subjetividades dos leitores, questão recorrente no colóquio que originou este livro.

Os artigos seguintes nos convidam a refletir sobre as diferentes formas sob as quais as subjetividades podem aparecer no ato da leitura, incitando questionamentos das práticas docentes atuais e provocando uma reconstrução de nossa trajetória como leitores. Ao focalizar as marcas pessoais, subjacentes à experiência da leitura literária, os autores destacam práticas pedagógicas desde o maternal até a universidade que possibilitam aproximar os leitores das obras e, igualmente, ser fonte de ensino de conteúdos curriculares, sem ferir os direitos do texto ou os do leitor.

Ao longo desta coletânea, o fio condutor das discussões propostas converge para as teorias da recepção. Os pensamentos das três vertentes da teoria da leitura – a saber, a escola de Constância, os estudos sobre o leitor real e a Semiótica e Semiologia – são recuperados para clarificar e enfatizar o papel ativo do leitor na construção de sentido do texto. Seus representantes são citados de forma a dialogar com áreas do conhecimento que abordaram a temática da subjetividade, como Antropologia e Psicanálise. Apesar da amplitude teórica, há uma organização didática das reflexões que permite a apreensão dos objetivos de cada texto publicado mesmo sem conhecimento prévio sobre as teorias citadas.

A construção de identidades - primeiramente a do leitor que define sua maneira de ler e posteriormente a literária que exprime a equivalência entre o texto e a identidade pessoal de quem lê – decorre da leitura subjetiva, que possibilita a troca recíproca e contínua entre a interioridade do leitor e a obra. Nesta interação, há um confronto das representações do leitor sobre diferentes universos culturais, notadamente o da ficção, o da linguagem e o da realidade.

Ao longo dos capítulos, o propósito de aprofundar a discussão sobre a relação entre as práticas de leitura e as subjetividades dos agen-

tes leitores se alicerça na fortuna crítica sobre o tema e nas descrições de experiências didáticas, aclarando que os processos de construção identitária do leitor, a partir do texto, faz-se presente desde o ensino infantil. A exposição de casos e a reprodução de comentários de estudantes enriquecem e elucidam as discussões propostas pelo livro, pois ilustram as relações abordadas e forma como a construção de sentido de um texto está amarrada às leituras anteriores e aos contextos culturais de cada leitor. Também, demonstram que a subjetividade permeia a motivação para iniciar uma leitura até sua interpretação.

No âmbito escolar, Marlène Lebrun expõe o desafio central das aulas de leitura, em especial no que tange à formação de leitores experientes, ou seja, aqueles que tenham prazer e crítica no ato da leitura: “trata-se de formar um leitor intérprete autônomo capaz de se apropriar pessoalmente dos textos e dar sentido a suas leituras” (p.137). Desta maneira, as práticas pedagógicas e as propostas metodológicas presentes nos diferentes estágios da formação escolar são destacadas como possibilidades mediadoras da relação entre leitor e o texto literário.

Outro aspecto relevante das práticas de leituras abordadas nesta obra é o reconhecimento de que elas não só permitem uma troca entre quem lê e a obra, mas também entre os leitores, valorizando, assim, experiências coletivas, como comitês de leituras. Esses não só permitem que seus membros expressem suas subjetividades e exercitem uma atividade crítica de leitura literária, transformando as salas de aula em espaços de intersubjetividade, como também, a partir das recomendações de colegas, despertam o interesse pela leitura nos jovens que participam destas comunidades leitoras. Segundo Rouxel, “(...) o fato de recomendar um livro é mais conscientemente o prazer altruísta do compartilhamento de não deter sozinho o segredo, do que o ato de reconhecimento de uma obra” (p.73).

Ao analisar metodologias e produções didáticas cujo objetivo é incitar a leitura, percebe-se a reflexão, voltada a educadores, da neces-

sidade de ir além do formalismo textual e estar sensível a escuta das subjetividades expostas pelos estudantes, por meio de que se pode compreender tanto o tipo de leitor quanto os gostos e as referências literárias já constituídos, pista fundamental para novas propostas de leituras e de trabalhos em sala de aula. Reconhecer as preferências literárias e destacá-las aproxima educadores do objetivo de contribuir com a formação de leitores experientes e os afasta de práticas didáticas antigas, cujo objetivo era “formar o gosto” dos alunos, oprimindo suas marcas individuais em prol de uma suposta admiração de obras literárias já sacralizadas.

A seleção de artigos estabelecida pelos organizadores de *Leitura subjetiva e ensino de literatura* permite a pesquisadores e a profissionais da área da Educação aprofundar seu repertório teórico sobre o papel da subjetividade no envolvimento de leitores com o texto. Além disso, propõe um exame minucioso da importância das experiências e dos repertórios pessoais nos processos de interpretação e de apreensão do texto literário, dentro da escola, espaço que tende a privilegiar a busca da objetividade na transmissão de conhecimentos. A aproximação dos temas sintetizados pelo título da obra coloca em xeque as tendências brasileiras de ensinar literatura por meio da exposição das escolas literárias e listagem de suas características, estratégias estas que não levam em conta a subjetividade do leitor em formação, e evidencia a importância do confronto do leitor com o texto, instrumento de formação identitária e de expressão artística.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.